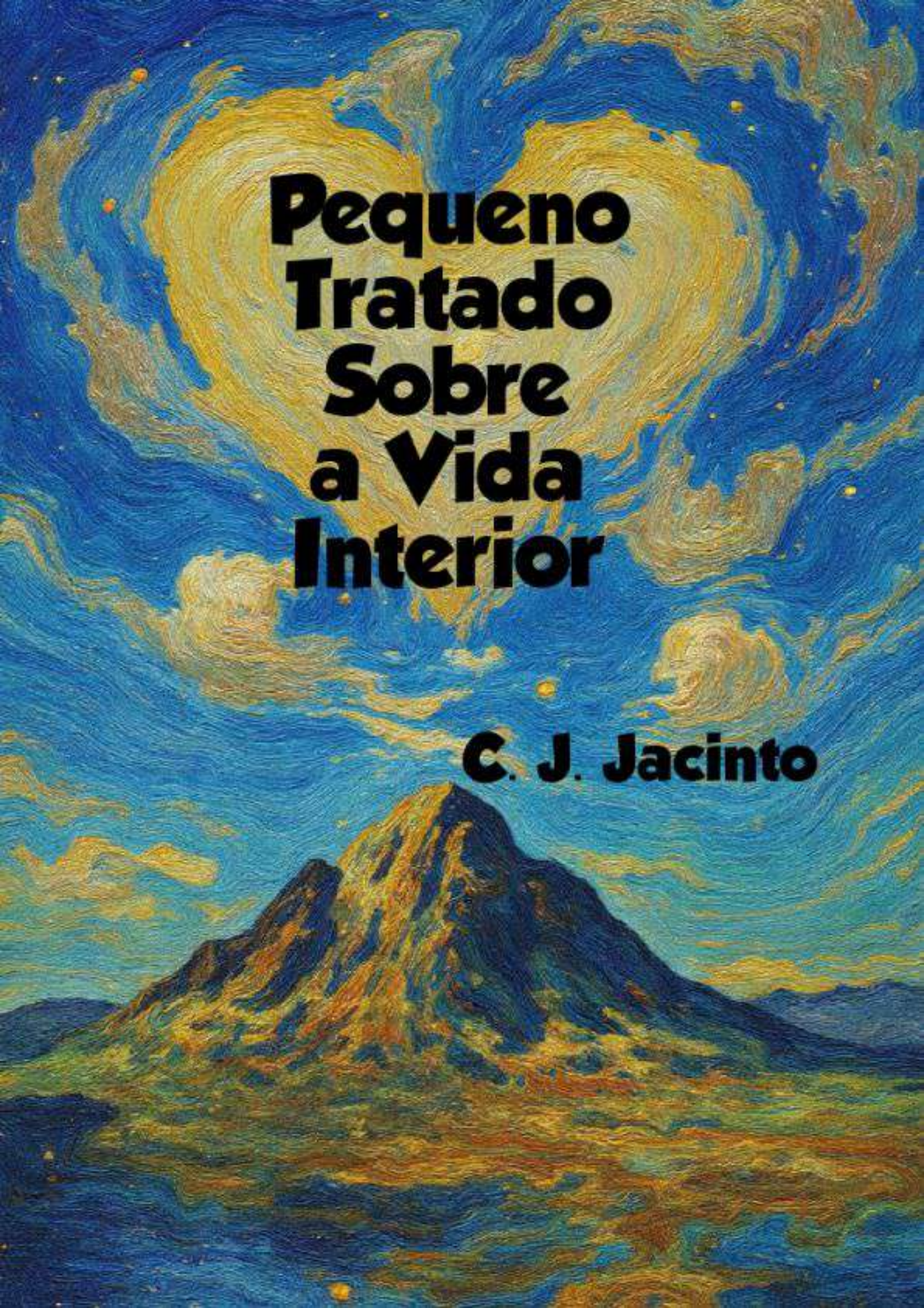

Pequeno Tratado Sobre a Vida Interior
C. J. Jacinto

PEQUENO TRATADO SOBRE A VIDA INTERIOR

C. J. Jacinto

Publicações Bíblicas Bereianas

Paulo Lopes – SC - Brasil

Alguns ensinamentos de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo nos desafiam e, de certa forma, deveriam nos inquietar. Uma das passagens mais significativas dos Evangelhos é o capítulo 23 do Livro de Mateus, no qual Jesus confronta os fariseus e sua hipocrisia. A lição ali contida reside no seguinte: os fariseus, considerados um grupo ortodoxo e conservador dentro do judaísmo, não apresentavam desvios doutrinários no contexto judaico em que viviam. Jesus, no entanto, não critica a doutrina dos fariseus, mas sim sua apostasia moral. Suas vidas revelavam uma hipocrisia, pois, embora externamente seguissem um conjunto de doutrinas conservadoras, sua vida interior era desordenada. O discurso de Mateus, capítulo 23, surge, portanto, em resposta a essa situação. As palavras de Jesus são incisivas e confrontadoras, desmascarando a vida espiritual dos fariseus e expondo sua hipocrisia. Um dos versículos que ilustra esse aspecto é o versículo 28 do capítulo 23 do Evangelho de Mateus, onde Jesus declara: "Assim também vós exteriormente pareceis justos aos homens, mas por dentro estais cheios de hipocrisia e de iniquidade." Considerando este contexto, desejo aprofundar a análise no âmbito do Novo Testamento, focando na atividade ministerial de Jesus.

Naquela época, existiam dois grupos proeminentes: os Saduceus e os Fariseus. Os Saduceus eram vistos como a facção mais liberal, com ceticismo em relação ao sobrenatural e ao mundo espiritual. Em contraste, os Fariseus representavam uma corrente mais conservadora, da qual o apóstolo Paulo, antes de sua conversão ao cristianismo, fazia parte. A história também menciona os Essênios, um grupo com posicionamentos ainda mais radicais, não mencionados diretamente na Bíblia. Os Essênios, por sua postura ultraortodoxa, optaram por se isolar da comunidade judaica, estabelecendo-se no deserto para evitar a "contaminação" com os demais judeus e com os sacerdotes do templo, considerados por eles apóstatas. Contudo, o foco desta análise reside nos Fariseus, cujas práticas e interioridade corrompida foram severamente criticadas por Cristo.
Observa-se que a ortodoxia, outrora vigente, servia apenas para ocultar a verdadeira natureza corrompida do espírito e do coração. Os fariseus, então, revestiam-se com os símbolos da ortodoxia, visando encobrir uma apostasia moral e espiritual. Buscavam aparentar justiça, santidade e piedade, angariando a admiração da sociedade, pois se consideravam fervorosos e zelosos na prática religiosa judaica. Paulo, em uma de suas epístolas, mencionou ter tido zelo, porém sem discernimento. A vida dos fariseus caracterizava-se por uma meticulosa observância de práticas ritualísticas e cerimoniais, com o

propósito de exibir uma piedade aparente, conquistando a admiração alheia. O objetivo principal era demonstrar exteriormente sua religiosidade. Reconheço a complexidade e o caráter desafiador desse tema. A crítica de Jesus Cristo à vida dos fariseus, baseada em princípios negativos, encontra reflexos em diversas tradições religiosas, inclusive no cristianismo. A hipocrisia, um mal difundido, levou Jesus a uma profunda análise da natureza humana. Com olhar penetrante, como chamas de fogo, ele discernia o interior dos fariseus, desmascarando a superficialidade que sustentava suas falsas aparências. Ele conhecia seus corações, e suas comparações, como a encontrada em Mateus, capítulo 23, onde os hipócritas são comparados a sepulcros caiados, revelam a profundidade de sua crítica.

A pregação de Jesus era fundamentalmente focada na verdade, sem a intenção de agradar a todos. Ele expunha a verdade, e esta, por vezes, não é bem recebida por todos. Embora Jesus tenha proferido palavras reconfortantes, como as encontradas em Mateus 11:28, onde convida os cansados e sobrecarregados a encontrarem alívio, seu ensinamento não se restringiu a aspectos agradáveis. Jesus também abordou temas que podem ser difíceis de aceitar. Acredito que, neste trecho, ao abordar a questão dos fariseus, Jesus estende sua crítica, de forma indireta, a todos os hipócritas, não apenas àqueles que professavam o farisaísmo, mas

também àqueles que professam o cristianismo. A pregação de Jesus contra os fariseus, registrada por Mateus sob a inspiração do Espírito Santo, apresenta uma lição atemporal para todos, em todas as épocas e lugares. Contudo, essa lição se destina, sobretudo, a nós, cristãos. É imperativo que evitemos a hipocrisia, um problema constante na história da igreja. A Palavra de Deus, como uma espada afiada de dois gumes, penetra até a divisão da alma e do espírito, discernindo os pensamentos e as intenções do coração. A função da Palavra de Deus é revelar a condição do nosso interior e de nossa vida espiritual. É relativamente fácil manter uma aparência enganosa e viver uma vida superficial. Entretanto, a profundidade do nosso interior, um tema pouco abordado na atualidade, pode ser obscurecida pela superficialidade, que, por sua vez, pode esconder iniquidades profundas. É importante ressaltar que Jesus não desconsidera a importância da nossa aparência. Ao contrário, o comportamento e a postura exteriores são relevantes. Devemos buscar a santidade em nossas ações, cultivando uma aparência que reflita essa virtude, vestindo-nos com modéstia e honrando a santidade em tudo o que fazemos. O ponto central da passagem em Mateus, capítulo 23, e do confronto de Jesus com os fariseus, reside na disparidade entre a aparência de piedade e a ausência de retidão interior. Essa contradição é, para Jesus, inaceitável. Aparentemente, Jesus

condenou veementemente a hipocrisia, indicando que ela pode ser algo que Deus abomina profundamente. Portanto, aprendamos a importância de que nosso exterior seja um reflexo autêntico do nosso interior. Ao compreendermos a voz do Espírito Santo por meio das palavras de Jesus Cristo em seu discurso, especialmente no que concerne à crítica à hipocrisia e à falsa religião dos fariseus, somos confrontados e instigados a uma profunda reflexão pessoal. A primeira questão que se impõe é: como se manifesta nossa vida interior? A inclinação humana, em geral, é a de apresentar uma imagem de retidão e santidade, tanto no contexto eclesiástico quanto perante a sociedade, especialmente para aqueles que professam a fé cristã ou qualquer outra religião. Tendemos a exibir a melhor versão de nós mesmos. Contudo, essa postura pode, em muitos casos, mascarar a realidade interior, assemelhando-se à confecção de máscaras e à utilização de vestes que ocultam a iniquidade. É nesse ponto que reside a essência da mensagem de Cristo. Ele direciona seu olhar aos fariseus, indivíduos que, no contexto neotestamentário, se destacavam por sua observância rigorosa de preceitos religiosos. Utilizavam filactérios, eram zelosos na observância do sábado, acreditavam em anjos e em Deus, liam as Escrituras, frequentavam o templo e dedicavam-se à oração. Apresentavam-se publicamente, exibindo suas vestes amplas, com o objetivo de demonstrar

exteriormente sua devoção, espiritualidade e religiosidade, mas essa demonstração era, em grande parte, superficial.

A questão central que nos confronta é: como se revela nossa vida espiritual? A espiritualidade que professamos se manifesta de forma coerente em nosso comportamento, ou seja, reflete-se no exterior a realidade interior? Qual é a natureza de nossos pensamentos e de nossa imaginação? Nosso mundo interior assemelha-se a um jardim cultivado, repleto de flores e fragrâncias espirituais, ou é um espaço caótico, um local de decadência, povoado por pensamentos que emanam de nossas próprias inclinações? Nosso coração é um campo fértil ou um terreno abandonado? É um lugar onde Deus pode habitar livremente, sentindo-se à vontade, pois nossos pensamentos, nossa imaginação e nossos desejos estão em consonância com os ensinamentos das Escrituras? Compreendemos que os fariseus estavam inseridos em um contexto no qual a religião se manifestava, em grande parte, por meio de elementos externos. Tal situação era comum.

Com efeito, tal prática religiosa, de certa forma, espelhava a espiritualidade emanada dos textos atribuídos a Moisés. Observava-se grande atenção a aspectos externos, como o cerimonial, os rituais e as vestes sacerdotais; contudo, esses elementos não

deveriam servir para dissimular a iniquidade, em nenhuma circunstância. Residia aí a dificuldade. O homem, em sua condição pecaminosa, frequentemente utilizava o cerimonialismo, os rituais e os preceitos exteriores para ocultar seus desvios, em vez de empregá-los como instrumentos de transformação espiritual integral, visando à harmonia entre o interior e o exterior, de modo que a verdadeira piedade se manifestasse, transcendendo a mera aparência enganosa.

Ao adentrarmos a Nova Aliança, observamos que Jesus Cristo se manifesta contra a superficialidade e o engano. Em seus sermões, ensinamentos e ministério, Ele confronta com veemência a hipocrisia e a religião meramente formal. Jesus enfatiza a importância da vida interior, da vida do coração e do espírito humano. Ele destaca sobremaneira a verdadeira vida espiritual, que se concentra não na aparência, mas na essência, emanando do íntimo do ser, onde a presença de Deus deve se refletir. Dessa forma, a luz da divindade de Cristo e do Evangelho pode ser espiritualmente irradiada, para que todos ao nosso redor possam perceber que a verdadeira piedade provém da essência, e não de uma aparência enganosa. A condição de muitos cristãos contemporâneos assemelha-se à dos fariseus, especialmente quando se observa a atuação de cristãos legalistas, associados e membros de igrejas com essa mesma orientação. O legalismo, em certa medida,

manifesta uma tendência à exteriorização da prática religiosa, negligenciando a profundidade da experiência espiritual. Essa dinâmica se torna evidente na maneira como algumas igrejas legalistas conduzem suas práticas disciplinares. Observa-se a ausência de disciplina em relação a questões como a mentira, a prevaricação, os desejos ilícitos e outras transgressões de ordem interior. A ênfase recai exclusivamente sobre o comportamento exterior, negligenciando a necessidade de tratar os pecados que se originam no interior do ser. Tal postura reflete o legalismo, caracterizado pela supervalorização de aspectos externos e pela omissão do tratamento das questões internas. Trata-se, portanto, de uma renovação do farisaísmo, transplantada para o contexto cristão.

Observa-se, portanto, que Jesus se opunha veementemente à hipocrisia religiosa dos fariseus, escribas e doutores da lei. No capítulo 23, versículo 25, Jesus prossegue com suas denúncias, acusando-os de praticarem a extorsão e a ganância, utilizando a religião como instrumento para enganar e explorar os necessitados. A fé era deturpada em um simulacro, a fim de obter vantagem, reconhecimento e até mesmo culto à personalidade. Muitos, desconhecendo a verdade, viam nos fariseus e escribas exemplos de alta piedade, dignos de veneração. Contudo, essa era apenas uma artimanha, uma técnica de persuasão, engano e manipulação, visando o lucro e a vantagem. Embora demonstrassem

grande rigor na observância de rituais de purificação exterior, como a limpeza de copos e pratos, seus corações estavam repletos de rapacidade e descomedimento. Eram, portanto, simulacros, que se aproveitavam da religião para explorar e obter lucro. Que lamentável situação!

Não somos conclamados a adotar tal comportamento. Em Mateus, capítulo 5, versículo 20, lemos que nossa justiça deve exceder a dos fariseus. Não se trata de uma mera aparência, caracterizada pela adesão a rituais e cerimônias com o objetivo de demonstrar espiritualidade ou piedade. É imperativo que alcancemos um patamar superior. É imprescindível a transformação do coração, moldado pelo Evangelho e influenciado pela presença do Espírito Santo, que nos impulsiona a cultivar pensamentos, desejos corretos, santos e agradáveis a Deus. Essa transformação se manifesta em uma vida de íntima comunhão com o Senhor.

Recordemos a passagem em 2 Samuel, capítulo 16, versículo 7, onde se afirma que a percepção divina transcende a mera aparência, penetrando no interior do ser. A visão de Deus, em sua profundidade, ultrapassa a superficialidade humana, alcançando os recônditos do coração. É o que Deus observa ali que determina a aprovação ou reprovação da nossa vida espiritual. Quando a reprovação ocorre, manifesta-se com força e severidade, pois Deus abomina a hipocrisia.

Analisamos com atenção um trecho amplamente conhecido, extraído do livro de Tiago, capítulo 1, versículos 22 a 27. A fé genuína apresenta duas características essenciais: ouvir a palavra de Deus e praticar essa palavra. É por meio da prática, após ouvir a palavra de Deus, submetendo nossa vontade à vontade divina, que nos conservaremos puros. Sem essa prática, não podemos experimentar uma vida espiritual autêntica. A vida espiritual se fundamenta na entrega e consagração plenas ao Senhor.

Ademais, encontramos um ensinamento relevante proferido por Jesus Cristo. Não somente devemos abster-nos da hipocrisia, mas também precisamos evitar a prática de julgar unicamente pela aparência. Conforme as palavras do próprio Senhor Jesus, registradas no Evangelho de João, capítulo 7, versículo 24: "Não julgueis pela aparência, mas julgai segundo a reta justiça." Assim, somos chamados a agir conforme o exemplo do Senhor, exercitando o discernimento e não permitindo sermos iludidos por aqueles que se mostram como cordeiros, mas, em seu interior, revelam a natureza de lobos. Apresentam-se sob uma aparência de mansidão, mas suas intenções são predatórias. Esta é, com frequência, a característica dos falsos profetas.

É pertinente observar a dinâmica do espírito do erro, pois, em Mateus, capítulo 7, versículo 15, Jesus adverte sobre os falsos profetas, exortando à vigilância e à

sobriedade, uma vez que se apresentariam disfarçados de ovelhas, mas, interiormente, seriam lobos vorazes. De modo semelhante, em 2 Coríntios, capítulo 11, versículo 14, Paulo assevera que não causa espanto que Satanás se transfigure em anjo de luz, e seus ministros se apresentem como ministros da justiça. Percebe-se, portanto, a clara menção de uma natureza maligna que se disfarça, adotando uma aparência de piedade para enganar aqueles que carecem de discernimento. Esse mesmo princípio pode ser estendido aos fariseus, escribas e doutores da lei, com os quais Jesus Cristo se confronta nos evangelhos.

Contudo, a situação difere no que concerne aos cristãos. Os genuínos seguidores de Deus manifestarão exteriormente a transformação operada em seus corações, pois o cristão autêntico é morada do Espírito Santo. Habitados pelo Espírito Santo, serão influenciados e guiados por Ele, exteriorizando, de certa forma, a realidade interior da nova vida em Cristo. Como afirmou Paulo, em Cristo, somos novas criaturas. Portanto, trata-se de uma questão de posição espiritual, de vida interior. Jesus declarou que daqueles que Nele crescem, jorrarão rios de água viva. É uma questão de essência, que se manifesta na vida diária. Creio firmemente que Cristo manteve inalterada Sua postura em relação à hipocrisia, a qual Ele detesta profundamente. No capítulo 23, versículo 27, do Evangelho, encontramos Suas palavras sobre os

fariseus: "Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Pois sois semelhantes aos sepulcros caiados, que por fora parecem formosos, mas por dentro estão cheios de ossos de mortos e de toda imundícia." Essa passagem apresenta uma descrição contundente da hipocrisia, revelando sua natureza corrosiva. É uma declaração impactante para aqueles que valorizam a sinceridade e a integridade espiritual. Quantas iniquidades podem ser dissimuladas sob uma fachada enganosa? Especialmente no âmbito religioso, indivíduos que se apegam a ritos, cerimônias e aparências externas, a fim de aparentar santidade, podem, na realidade, abrigar em seu interior uma profunda corrupção. Essa condição é abominável aos olhos do Senhor. Portanto, não causa surpresa que Cristo tenha confrontado com veemência essa forma de degradação espiritual.

Somos convocados a uma vida de santidade, que emana do interior, nutrida pela meditação, pela contemplação da Palavra de Deus e pela submissão de nossos pensamentos a Cristo, a fim de que nosso mundo interior seja harmonizado pela presença divina. Uma vida de temor e reverência a Deus, que transforma nossa alma em um santuário, onde Deus possa ser adorado com todo o coração, toda a alma e todo o entendimento. A compreensão dessa verdade nos permite discernir a qualidade da vida interior de um homem santo e piedoso, pois, quando Jesus nos convida a amá-lo com todo o

coração, toda a alma e todo o pensamento, essa experiência se origina em nosso íntimo. Da fonte de nossas emoções, da essência do nosso ser, do lugar mais profundo de nossa existência. É nesse âmago que devemos adorar a Deus, amá-lo e comungar com Ele, de modo que essa experiência se manifeste em nossa vida e influencie tudo o que nos cerca.

Compreendo perfeitamente o ensinamento de Jesus no capítulo 15 do Evangelho de João, onde ele se refere à videira verdadeira, ao lavrador e aos ramos, estabelecendo uma analogia entre o homem, Cristo e Deus. Jesus declara: "Eu sou a videira verdadeira, e meu Pai é o agricultor. Todo ramo que não der fruto em mim, ele o corta; e todo aquele que dá fruto, ele o poda, para que dê mais fruto. Vós já estais limpos pela palavra que vos tenho falado. Permanecei em mim, e eu em vós. Como o ramo não pode dar fruto por si mesmo, se não permanecer na videira, assim, vós também, se não permanecerdes em mim. Eu sou a videira, vós, os ramos. Quem permanece em mim, e eu nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer. Se alguém não permanecer em mim, será lançado fora, como o ramo, e secará; e os ramos são recolhidos, lançados ao fogo e queimados." Percebe-se que se trata de uma experiência interior. Cristo estabelece um relacionamento íntimo, e nós, cristãos, somos chamados a um relacionamento com Cristo. O Senhor, nosso Salvador, transmite sua seiva, que

nutre a semente. Essa semente germina, não no exterior, mas no interior. Da mesma forma, é no nosso interior que esse poder de frutificar, que é a seiva, manifesta-se através do poder de Cristo, exteriorizando-se nos frutos.

Ademais, outra passagem bíblica oferece um vislumbre desse princípio de interioridade, que se revela em uma genuína expressão de vida espiritual e piedade. No Evangelho de Marcos, capítulo 4, versículos 26 a 29, Jesus Cristo relata uma parábola sobre o Reino de Deus: “É como um homem que lança a semente na terra; quer ele durma ou se levante, noite e dia, a semente germina e cresce, sem que ele saiba como. A terra por si mesma produz fruto: primeiro a planta, depois a espiga e, por fim, o grão maduro na espiga. E, quando o fruto está maduro, ele logo lhe mete a foice, porque chegou a colheita”. Essa passagem ilustra um processo gradual. A manifestação da germinação, com o surgimento da planta, da espiga e, por fim, do grão maduro, depende da semente lançada na terra. Sem essa interiorização da semente, jamais haverá a transformação desejada.
De forma análoga, a vida interior do homem piedoso se manifesta dessa maneira. Sua interioridade, santificada, reflete-se em ações que também se tornam santas. Com base no exposto, é imperativo que compreendamos a profundidade das palavras de Jesus sobre a natureza interior do ser humano. No Evangelho de Marcos, capítulo 7, versículos de 18 a 23, encontramos a seguinte

passagem: "Estais vós também sem entendimento? Não compreendeis que tudo o que de fora entra no homem não o pode contaminar, porque não entra no seu coração, mas no ventre, e é lançado fora, no esgoto? Assim, considerava puros todos os alimentos." E prossegue: "O que sai do homem, isso é que contamina o homem. Porque do interior do coração dos homens é que procedem os maus pensamentos, as prostituições, os furtos, os homicídios, os adultérios, a avareza, as maldades, o dolo, a lascívia, a inveja, a blasfêmia, a soberba, a loucura. Todas estas coisas más vêm de dentro e contaminam o homem." Percebemos, portanto, que o próprio Jesus Cristo aborda a existência de uma natureza interior corrompida, capaz de manifestar-se em atos externos, os quais, por sua vez, podem ser dissimulados sob a aparência de piedade. A avareza, a maldade, o engano, a dissolução, a inveja, a blasfêmia, a soberba e a loucura, todos esses vícios podem ocultar-se sob uma falsa fachada religiosa. Essa realidade, notamos, não se restringiu à época de Jesus, com relação aos escribas, fariseus e doutores da lei, mas permanece presente em nossos dias, em diversas denominações religiosas.

Parece que essa tendência é inerente à natureza decaída do ser humano não regenerado, que herdou da própria serpente essa natureza maligna. Essa natureza pode se esconder sob um véu de simulação, com o qual o homem caído não regenerado pode enganar os outros,

apresentando uma falsa piedade ou santidade. No entanto, com o cristão não é assim. Somos chamados a ser santos, não apenas a ter aparência de santidade, mas a ser santos em nossa vida, essência, coração, alma e espírito. O ser humano integral deve estar em harmonia com a Santíssima Trindade e se entregar à habitação do Espírito do Senhor em nós, que nos capacita, direciona e trabalha em nossa consciência para que possamos exercer o ofício de verdadeiros filhos de Deus, um novo homem criado em verdadeira justiça e santidade, como Paulo afirma na carta aos Efésios. A expressão da verdadeira vida espiritual se manifesta exteriormente por causa da regeneração, que se dá interiormente através do novo nascimento. Compreender isso é fundamental para entendermos a dinâmica operacional da vida interior. Nenhum indivíduo pode alcançar a experiência plena da realização e da solidez na fé e no Evangelho sem que sua dimensão interior seja fortalecida. Essa é a premissa fundamental. A superficialidade de uma existência baseada em aparências gera apenas ilusão. Em contrapartida, aquele que desfruta de uma profunda comunhão com o Senhor, trilhando os caminhos da profundidade divina, com sua vida espiritual interior saudável, iluminada pela presença do Espírito Santo e fortalecida pela graça, reflete autenticamente a realidade interna, a manifestação daquilo que reside em seu ser. Não se trata de uma aparência enganosa, pois não há

espaço para a hipocrisia em um coração repleto do Espírito Santo. Em Efésios, capítulo 3, encontramos a oração de Paulo pelos cristãos de Éfeso. A partir do versículo 14, lemos: "Por esta razão, ajoelho-me diante do Pai, de quem recebe o nome toda a família nos céus e na terra. Peço a Deus que, de acordo com as riquezas da sua glória, conceda que vocês sejam fortalecidos com poder, por meio do seu Espírito, no homem interior, para que Cristo habite no coração de vocês, por meio da fé, e que vocês, estando enraizados e alicerçados em amor, possam compreender, com todos os santos, a largura, o comprimento, a altura e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo, que excede todo o conhecimento, para que vocês sejam cheios de toda a plenitude de Deus."

Nesta passagem, Paulo ressalta que a verdadeira vida interior, para ser genuína, deve ser preenchida com a plenitude de Deus, com a presença divina. Essa é a autêntica vida interior que o cristão regenerado experimenta. Tal realidade contrasta com a vida hipócrita, como Jesus Cristo expôs em Mateus, capítulo 23. Não é possível que um cristão seja simultaneamente regenerado e hipócrita. A hipocrisia não é uma consequência da regeneração, mas sim o resultado de uma falsa conversão. É importante ressaltar que, mesmo o indivíduo transformado espiritualmente, ainda abriga

em si a natureza anterior, simbolizada pela expressão "velho homem". Essa natureza pregressa possui inclinações intrinsecamente terrenas, manifestando-se frequentemente no âmbito psíquico, onde residem os instintos. Dessa forma, impulsos considerados inferiores, característicos da natureza anterior, podem se manifestar caso a vida não seja dedicada integralmente a Deus.

Diante disso, torna-se crucial a constante leitura e estudo das Escrituras, a meditação na Palavra de Deus, a escuta atenta de sermões edificantes, a prática da vigilância e a oração contínua, buscando a consagração. Essa conduta visa orientar o coração para o Senhor. Reconhecemos, portanto, a existência de uma batalha interior, um conflito espiritual. O apóstolo Paulo, em sua epístola aos Romanos, capítulos 6 e 7, descreve com clareza essa luta que pode emergir em nosso interior. Contudo, quando o indivíduo está pleno do Espírito Santo, nutrido pela Palavra de Deus, dedicado à oração e à vigilância, ele consegue vencer esses instintos e preencher seu coração com valores e ações que agradam a Deus.

Consideremos a experiência de Paulo. Em Romanos, capítulo 7, versículo 22, ele declara: "Porque, no tocante ao homem interior, tenho prazer na lei de Deus. O homem adâmico personifica o indivíduo religioso que se concentra em aspectos externos. Ele se dedica a aprimorar sua aparência, mas sua essência interior permanece deteriorada. A ênfase recai sobre a

manifestação externa do ser, resultando na criação de uma fachada, um disfarce. Toda a sua atividade é direcionada para a manutenção dessa falsa imagem, uma tentativa desesperada de ocultar um interior profundamente corrompido.

A vocação que nos foi confiada, a vocação do homem regenerado, convida à renovação interior. Não se resume a uma aparência exterior e a cuidados superficiais. A regeneração e a presença do Espírito Santo devem operar cotidianamente em nosso interior. A regeneração representa uma nova criação, e o Espírito Santo é Deus atuando nessa nova criatura. Essa transformação ocorre em nosso espírito, um processo interno que se manifesta externamente.

A qualidade de nosso amor revela nossa espiritualidade. É nesse aspecto que se manifesta a autenticidade de nossa vida interior. Em Lucas, no capítulo 11, versículo 43, ao repreender os fariseus hipócritas, Cristo denuncia aqueles que apreciam os primeiros lugares nas sinagogas e as saudações nas praças. Em outras palavras, são aqueles que buscam a proeminência, a admiração, a atenção, a exaltação e o reconhecimento público. Satisfazem-se em ser o centro das atenções, desfrutando dos elogios e da reverência, e desejam integrar o espetáculo superficial da religião.

Quando cultivamos uma vida interior profunda, amamos

a Deus e abraçamos a humildade, desapegando-nos da busca por reconhecimento e louvor. A idolatria e a superficialidade perdem sua atração, pois nosso foco reside em amar a Deus em espírito e em verdade, livres de egoísmo e egocentrismo. A inveja não encontra lugar em nossos corações diante do sucesso alheio. Nossa comunhão com Cristo nos permite compartilhar os sofrimentos terrenos, em união com Ele. A devoção do homem renovado, sua singularidade entre os demais e sua profunda relação com o Senhor, emanada do espírito e da essência do ser, se concentra integralmente na experiência de uma comunhão contínua com Deus, por meio de Cristo. A atuação do Espírito Santo concretiza essa união, manifestando a presença ativa da Trindade no íntimo do coração.

No homem santo, não reside qualquer forma de encenação. Ele rejeita fingimentos e a falsidade em todas as suas manifestações. Ele não pratica a dissimulação; ao invés disso, vive a realidade da vida espiritual. A etimologia da palavra "hipocrisia", derivada do grego "hipocrisis", remete à escolha de inclinar-se para o terreno, buscar o inferior, rastejar no orgulho e seguir os rastros da antiga serpente. A hipocrisia se opõe ao homem salvo, ao cristão bíblico, que nasce do alto e cujos desejos e impulsos são direcionados ao celestial,

precisamente por sua origem divina. O hipócrita simula, disfarça a verdade, sendo essencialmente falso. Contrariamente a isso, o verdadeiro homem de Deus, criado em justiça e santidade, o homem santificado e regenerado, é genuíno em sua totalidade; sua piedade não é fingida, mas autêntica, resultado de uma obra divina em seu interior. Meus caros irmãos, minha intenção não é apresentar uma análise extensa sobre este tema crucial: a compreensão da dimensão interior do ser humano, sua natureza intrínseca e a questão da hipocrisia, uma realidade proeminente em nossos dias. Atualmente, muitos se apegam a uma religiosidade superficial, buscando encobrir sua natureza original e, assim, conduzir uma existência simulada.

Entendo que a conduta de um homem de fé deve ser distinta, pois somos convocados não ao fingimento, mas à vivência genuína da verdade. Esta breve reflexão, portanto, visa auxiliar aqueles que aspiram a uma vida cristã autêntica, em vez de uma mera representação simbólica. Acima de tudo, desejo enfatizar a necessidade de rejeitar veementemente a dissimulação, a falsidade e a hipocrisia em todas as suas manifestações.
Que a graça divina possa abençoar abundantemente este modesto tratado, no qual abordo a hipocrisia e a vida interior. Que cada leitor seja ricamente agraciado por este trabalho, fruto de meu esforço e que se destina à livre distribuição para todos aqueles que almejam uma

vida espiritual mais plena e completa, em conformidade com as Escrituras, os ensinamentos de Nosso Senhor Jesus Cristo e os apóstolos. Rogo, neste momento, por uma oração, pedindo que o Senhor direcione a cada um a experiência de uma vida interior mais rica e profunda, em comunhão mais íntima com Ele. Este foi o meu desejo e propósito ao redigir este tratado.

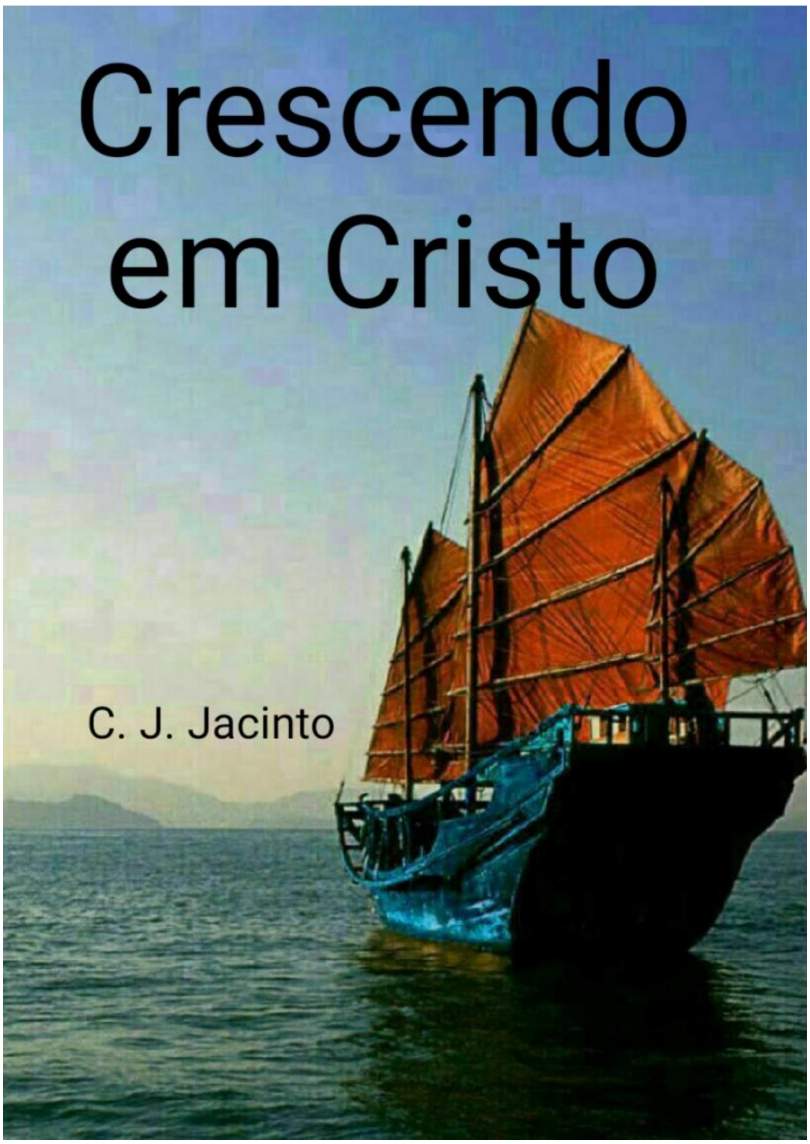
Foi Abençoado pela leitura:

(48) 999616582

claviojj@gmail.com

Outros títulos disponíveis:

https://drive.google.com/file/d/1thcxai_RMnZp80in90ivLUPOMM5DErd2/view?usp=sharing



https://drive.google.com/file/d/1NobwNNRX6tgW_VobeNDC1AHbBP7NONCW/view?usp=sharing

https://drive.google.com/file/d/1dXN_xpVdOoYtyqJnOWn-RiVeRNb6vgbG/view?usp=sharing

C. J. Jacinto
(48) 99961658 2